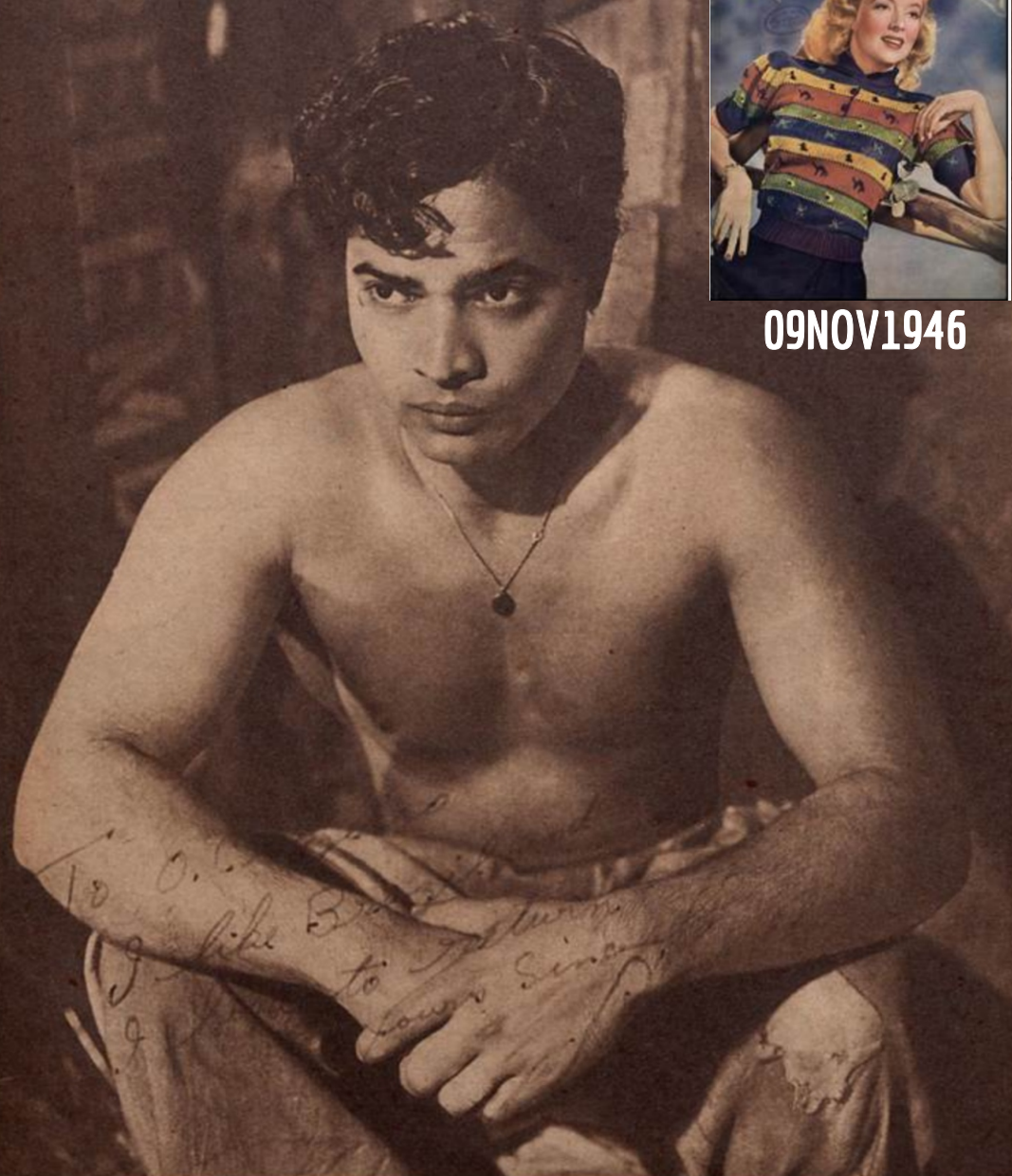


SABU, o famoso artista indú, interprete de tantos filmes americanos e ingleses, faz no film "A fox do rio" um tipo genuinamente brasileiro. Sabu, em verdade, tem mesmo o tipo do nosso caboclo. A cena acima apresenta Sabu como estivador nas docas de Belém.



09NOV1946

DIAS VERDES E DIAS AZUIS

Texto de CARLOS LAGE
Fotos de MONTE BERMAN

BIRI FERREIRA filmou no Amazonas. Depois de uma rápida visita a Londres, onde foi fazer uma série de testes fotográficos e estudar um contrato, a jovem artista brasileira, que até agora somente havia feito teatro, aceitou o convite da Companhia cinematográfica inglesa Archers Films Inc. para filmar "A fox do rio" (Fox of the river), ou *Dias verdes e dias azuis*, (o título em português não é ainda definitivo), uma história da autoria do escritor norte-americano Desmond Holdridge e cuja ação se passa na Amazônia. Desmond Holdridge, que viveu quase vinte anos no Amazonas, é um conhecedor profundo da região, sendo a sua obra portanto não uma visão rápida sobre aquela parte do Brasil mas um documento absolutamente seguro dos costumes e gentes das terras brasileiras cortadas pelo famoso e imenso rio. No filme, que está sendo preparado, e cujas cenas de exterior já foram ultimadas, Bibi Ferreira divide as honras de estrelato com



NA GAIOLA "TUPA" os camarotes não chegavam para o grande número de artistas e técnicos que integravam a caravana cinematográfica. Todos dormiam nas rédeas armadas através de todo o convés. Bibi gostava da rede, principalmente nas noites mais quentes.



DORMIR CEDO e acordar mais cedo ainda, esta uma das exigências na gaiola "Tupa". Cinco horas da manhã, Bibi, olha a beleza das águas aos primeiros raios de sol da misteriosa Amazônia.

ENQUANTO OS TÉCNICOS escolhiam locais de filmagens e preparavam as máquinas, Derek Twist, o diretor, dava as últimas instruções a Bibi e Sabu. Dorethy Tomson acompanha tudo.



NAS HORAS DE FOLGA sempre a música era indispensável. Bibi tocava violão, o brasileiro, e cantava canções alegres e tristes. E os ingleses escutavam.



ANTES DE CADA cena a estrela tem que passar por um completo maquilagem. Enquanto o maquilador não aparece, Bibi vai se arranjando como pode, sozinha.



O CRUZEIRO

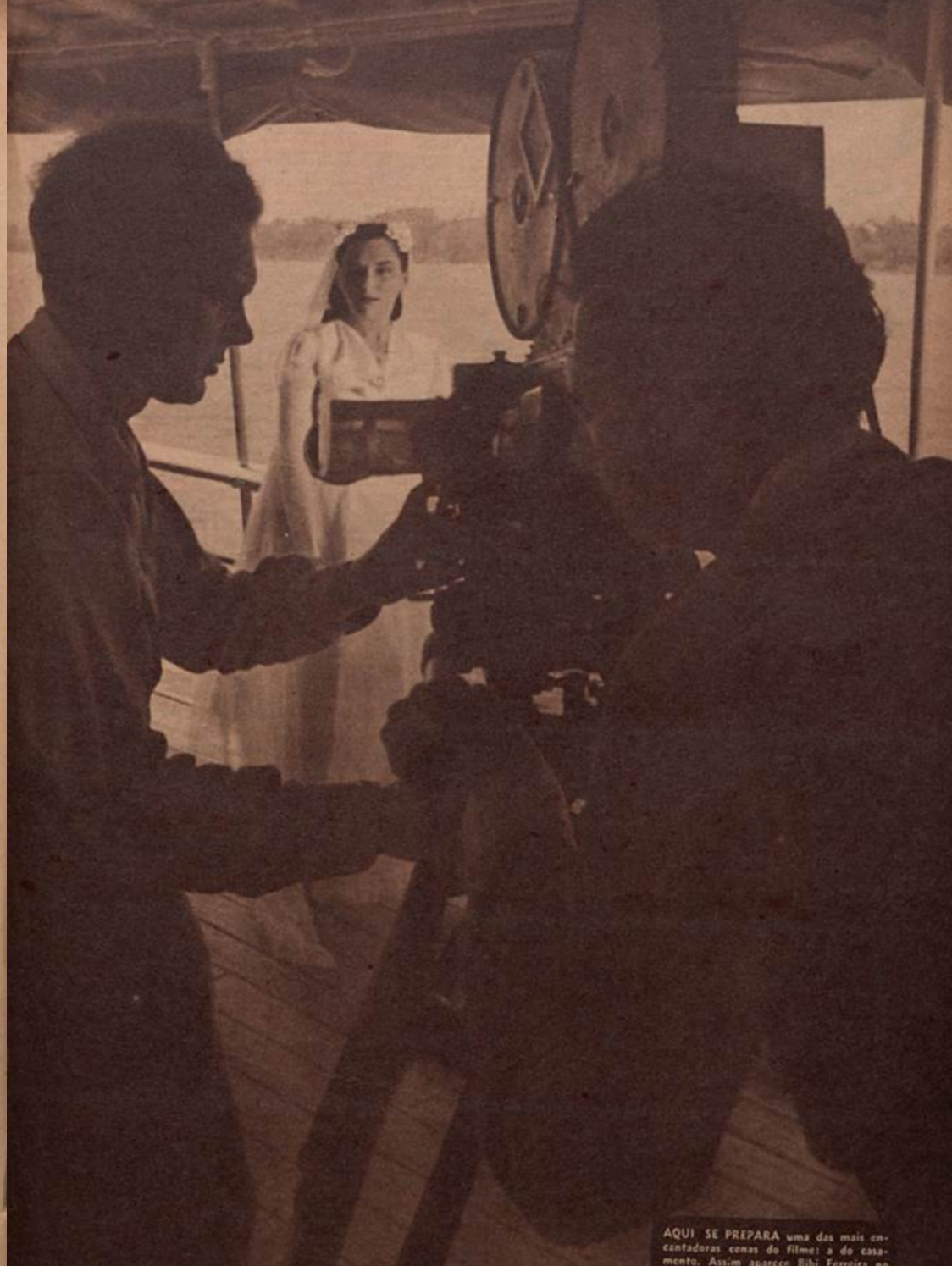
o famoso artista indú Sabu, intérprete de vários filmes norte-americanos e ingleses.

Trazendo da Inglaterra o material cinematográfico mais moderno e eficiente e também uma equipe de técnicos poderosíssima, equipe esta encabeçada pelo diretor Derek Twist, e apresentando John Alderson, como coordenador geral, Chris Challis, técnico de luz e enquadrador do filme, Geoff Lambert, diretor-assistente, Brett Porter, editor do filme, Dorothy Tomson, a "continuity girl" (pessoa cuja função é anotar todos os detalhes da filmagem), Bob Lynn, segundo assistente do diretor, Dick Bonnor-Morris, maquilador, Monty Bernam, fotógrafo, Reg Hughes, "camera-man", Elliot Scott, desenhista, Eric Houseman, tesoureiro, Gus Lankford, assistente do "camera-man", Max Sammet, assistente do fotógrafo e do "camera-man" e Tom Howe, maquinista, a Archers Films iniciou as filmagens em Manaus.

A primeira cena, uma das cenas do meio do filme, exigiu um cenário natural de grande efeito. Para isso foi escolhida uma das pequenas lagoas da região, repleta das famosas e características Vitória Régias. Para chegar a essa lagoa, situada a 500 metros da margem direita do rio Solimões, é necessário fazer, partindo de Manaus, uma pequena viagem de duas horas de lancha a motor. A primeira viagem ao local foi feita apenas pelos técnicos que foram estudar o terreno, os ângulos apropriados para a filmagem, a direção do sol e muitos outros detalhes de ordem técnica. A cena se passa ao cair da tarde e para conseguir esse efeito, é necessário, nesta região, filmar às quatro e meia da tarde, hora em que o sol está numa posição conveniente para, filtrado pela cinzura, produzir o efeito do cair da tarde. Essa primeira viagem foi coroada de sucesso, ficando marcada para o dia seguinte a filmagem da cena com Bibi e Sabu. No dia marcado a expedição, composta do diretor, do "cameraman" e seus auxiliares, da

(CONCLUSÃO NA PÁG. 61)

"O CRUZEIRO" também andou vagando no Amazonas, na gaiola "Tupã". Era uma das poucas leituras de Bibi nos atarefadísimos dias de filmagem.



AQUI SE PREPARA uma das mais encantadoras cenas do filme: a do casamento. Assim aparece Bibi Ferreira no filme. Ela é a brasileiríssima Teresa que se casa com o brasileiro Manuel (Sabu).

"Continuity girl" do técnico de luz, do fotógrafo e seus auxiliares, do coordenador, do "make-up man", de BIBI e SABU, num total de vinte e duas pessoas, partiu do pórtico de Manaus ao meio dia em ponto. A lancha, bonita e esportiva, gentilmente cedida aos ingleses por um capitalista de Manaus, largou ferro carregada de passageiros e dos mais variados instrumentos e aparelhos de cinematografia. Duas horas depois chegava a seu destino, atracando na margem direita do rio. Durante a viagem, porém, começara a surgir uma dificuldade: o tempo começara a mudar. Grandes nuvens cinzentas ameaçavam cobrir o sol. A equipe de técnicos começou a desembarcar apressadamente. Pouco depois voltavam todos correndo pois desabara um violento aguaceiro. Naquela região esses aguaceiros são frequentes, desabando de um momento para outro. Começou então uma longa espera. A chuva passou, o tempo melhorou; mas o sol não tornou a aparecer. A filmagem teve que ser adiada para o dia seguinte. Mais duas horas de lancha e um dia de filmagem perdido. A fim de evitar novas surpresas, o diretor resolveu inverter a posição da câmera e filmar ao nascer do sol, conseguindo o mesmo efeito de pôr do sol mediante o emprego de filtros especiais. Para chegar, porém, no local da filmagem, ao nascer do sol, foi necessário começar a excursão de lancha com noite fechada. Levantaram-se todos às quatro horas da manhã e já às cinco estavam a bordo, comendo um "breakfast" improvisado. Durante o trajeto, dentro da lancha, Bibi foi maquiada (trabalho que demora uma hora aproximadamente) e preparada para a filmagem. Dessa vez o sol foi mais camarada e compareceu na hora desejada. No local a cena é sempre filmada, no mínimo, três vezes, seguindo-se o trabalho de fotografias (chamadas "stills") que é sempre longo e cansativo para os artistas e técnicos. Essas são as fotografias destinadas à propaganda na Inglaterra, na América e no Brasil. Ao terminar a filmagem todos estavam cobertos de suor. Um caboclo da região, que ajudara a transportar o material para o local da filmagem, a construir a mesa sobre a qual é colocada a câmera, a transportar uma canoa que tomava parte na cena, e mais inúmeros objetos necessários, suando por todos os poros, assistindo a toda aquela agitação, observou com voz lenta e cançada: "Sim sinhô — nunca pensei que fazê filmes fosse trabalho tão pesado!" De fato as cenas filmadas no local são muito trabalhosas, pois estão sujeitas a imprevistos, a todas as dificuldades de transporte de material pelo meio do mato, da lama, sobre cercas de arame farpado e muitos outros obstáculos como a terrível formiga vermelha, os mosquitos, os maribondos e dezenas de outros insetos que fazem o possível para impedir a invasão da civilização.

Dias verdes e dias azuis

(CONTINUAÇÃO DA PÁG. 56)

Assim foi filmada, nas primeiras horas do dia, uma cena de entardecer do filme "Dias verdes, dias azuis", ou "A voz do rio". É o prodígio da fotografia, a magia dos filtros — o poder que o cinema possui de tudo transformar, melhorar, embelesar.

Depois de filmar diversas cenas em Manaus, a caravana cinematográfica fretou um pequeno navio ou galóia chamada "Tupan". Nesse galóia eles fizeram o percurso Manaus-Belem, parando cada dois dias para filmar cenas nos vilarejos ou na mata virgem, pouco distante das margens.

A vida no "Tupan" foi sempre muito ativa e bem divertida. Fila para se tomar banho, no único banheiro do galóia, dormir em rédes — gente demais, não suficientes camarotes, todo o mundo dormindo em rédes armadas através de toldo o convés do naviozinho —, dormir cedo, acordar cedo, muito cedo, cinco horas de manhã, as filmagens começando pouco depois do aparecimento do sol, os técnicos na frente, preparando terreno, estudando ângulos para a câmera, escolhendo cenário, esperando mais luz ou menos luz, e depois os artistas, maquiados e prontos. Atenção! Câmera! Ação! Corte. A cena filmada. Depois, almoço em mesa comum, à vontade. No jantar, a mesa era comum, mas o guarda-roupa não deixava de ser um pouco mais cuidado. O inglês do jantar é diferente do inglês do almoço.

Depois de dois dias de viagem ao longo do rio Amazonas, o "galóia" Tupan chegou à cidade de Santarém, no Estado do Pará. Essa pequena cidade foi escolhida como cenário para a cena do casamento de Teresa e Manoel, principais personagens do filme, interpretados por Bibi Ferreira e Sabu. O navio ficou ancorado ao largo, devendo o transporte de passageiros ser feito em pequenas canoas, meio de condução característico da região. Quando o comandante deu ordens para baixar os ferros, já o "galóia" estava cercada por essas canoas, muitas delas carregadas com objetos típicos para serem vendidos aos passageiros. Cuias, cestas de vime e de palha, capim cheiroso, doces, biscoitos, periquitos, mais cuias de todos os tamanhos e feitios. Os ingleses, como bom turistas, compraram lembranças que de certo muito agradarão na Inglaterra. Os brasileiros de bordo não ficaram atrás.

A primeira pessoa a desembarcar foi, como de costume, o diretor Derek Twist. Em companhia do camera-man e do técnico de luz foi à terra estudar as condições de filmagem que deveria ser feita na manhã seguinte. Os demais técnicos e artistas ficaram a bordo, aguardando ordens. Depois de mais ou menos uma hora em terra, o diretor voltou com uma notícia que surpreendeu a todos. O "Tupan" deveria prosseguir viagem sem perda de tempo. Todos sabiam que a cena a ser filmada exigia como cenário uma igreja colonial, e as de Santarém, em número de três, pareciam as mais indicadas. Em terra, porém, conversando com o prefeito da cidade depois de ter visitado as três igrejas, Derek Twist ouviu falar numa certa igreja da cidade de Monte Alegre, a quatro horas de Santarém. O prefeito já ouvira falar nessa igreja que de certo iria preencher melhor as qualidades desejadas. Diante da perspectiva de obter um cenário natural perfeito, o ativo diretor não hesitou. Ao anoitecer, o "Tupan" partia em direção a Monte Alegre. Na manhã seguinte, ainda de madrugada, já o diretor Twist estava pronto para desembarcar e visitar a tão falada igreja. Como anteriormente os demais técnicos e artistas ficaram a bordo, aguardando as resoluções do diretor. Como o dia estivesse esplêndido para uma filmagem, todos começaram a se preparar para desembarcar, assim que recebessem ordens de terra. Dessa vez, porém, o diretor demorou muito tempo. Voltou finalmente, mas trazendo notícias desanimadoras. De fato a igreja era perfeita para a cena em questão, preenchendo todos os requisitos exigidos menos um, o mais importante deles, a posição da construção em relação ao sol. Situada na parte alta da cidade, a fachada da igreja orientada de leste para oeste, ficava sempre na sombra, impossibilitada, nesta época do ano, de receber a luz solar. Assim sendo não poderia ser usada na filmagem. Mais uma vez o "Tupan" levantou ferro, voltando para Santarém. O dia seguinte, porém, foi coroado de sucessos. Nesse único dia foram filmados cinco "takes", compensando dessa forma os dois dias perdidos. A cena do casamento foi um sucesso. A população compareceu ao local, levada por uma natural curiosidade. O fato de ter Bibi Ferreira desembarcado do navio vestida de noiva atraiu a atenção de todos que pensaram, a princípio, tratar-se de um casamento de ver-

(CONCLUI NA PÁG. 56)

Dias verdes e dias azuis

(CONCLUSÃO DA PÁG. 16)

dade. Foi fácil para os ingleses conseguirem a colaboração do povo na cena em questão. Todos os presentes transformaram-se em "extras", dando à cena do casamento um aspecto de absoluta realidade. Não faltou sequer uma banda de música improvisada para saudar os noivos na saída da igreja. Os demais "takes" foram feitos ainda pela manhã e à tarde, sendo o último, o da partida do "Tupan" que, no filme, levará a bordo o casal de noivos, filmado ao anoitecer.

Deixando Santarém, o "galóia" rumou para os estreitos de Breves. Neste recanto maravilhoso do maravilhoso Amazonas muitas cenas foram feitas. E descendo o rio, sempre filmando, sempre filmando, assim fomos até Belém onde cenas importantes foram preparadas, nas docas — Sabu, o principal personagem masculino, tem também algumas cenas como estivador das docas de Belém —, e também por ocasião da grande festa de Nossa Senhora de Nazareth, uma das mais famosas festas do Brasil, e que dura dias e dias. Mas isto das festas de Nossa Senhora de Nazareth já é outra história, como dizia o velho Kipling.

Meses de filmagens, meses de trabalho dentro do coração da Amazônia. Se o êxito foi completo, se tudo saiu da melhor maneira possível, foi porque não faltou à caravana cinematográfica inglesa a coragem exigida para uma realização deste vulto. Para o êxito completo foi necessário muita luta, muita abnegação. Porque os contratemplos foram muitos. Mosquitos, doenças, deficiência de transportes, tempo instável, contratemplos inesperados, calor, calor sufocante. Mas tudo saiu bem, e a parte mais difícil do filme está pronta. Pela primeira vez, parece que vamos ter um filme estrangeiro que mostre o Brasil exatamente como ele é. Cenários nossos, naturais, da Amazônia imensa. E uma artista brasileira, Bibi, interpretando um tipo genuinamente brasileiro, a meiga Terese, da história de Desmond Ho'dridge.